

Mensagens Implícitas: Análise de uma Figura do Livro Didático de Geografia Sobre a Semiótica de Peirce

Implicit Messages: Analysis of a Geography Textbook Picture in the Framework of Peirce's Semiotic

Alan Otavio da Costa Nantes^a; Antonio Sales^a; Sthefany Caroline Bezerra da Cruz-Silva^b

^aUniversidade Anhanguera Uniderp, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemática. MS, Brasil.

^bUniversidade Anhanguera Uniderp, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional. MS, Brasil.

*E-mail: profesales@hotmail.com

Resumo

Artigo produzido a partir de uma disciplina do Mestrado em Ensino de Ciência e Matemática, que analisa e enfatiza a contribuição da geografia escolar com fator de promoção da cidadania. Parte do pressuposto de que essa disciplina contribui para a consciência individual e coletiva diante dos direitos e deveres sociais. Este estudo teve o objetivo de analisar a figura de “Rosie, a Rebitadeira” inserida em um livro didático de geografia do Ensino Médio, utilizado em uma escola pública de Campo Grande, MS, a partir da semiótica de Charles Sanders Peirce. Dessa forma, buscou-se desvendar a mensagem atual e histórica da figura inserindo-a no contexto histórico em que foi produzida. De igual modo, a análise levou em conta a sua inserção no livro didático, tendo em vista os objetivos do autor do livro e considerando que cada interpretante tem uma visão particular de mundo e estabelece uma relação própria com a imagem. Considerada como pesquisa documental, a análise foi feita com o suporte teórico das tríades peirceanas. A pesquisa revelou a fecundidade da semiótica peirceana como teoria de análise, o potencial de uma figura para influenciar tomadas de decisões e a riqueza que a análise de uma imagem pode proporcionar a atividade docente.

Palavras-chave: Signo. Linguagem. Tríades de Peirce.

Abstract

Article, produced from a discipline of the Master's Degree in Teaching Science and Mathematics, analyzes and emphasizes the contribution of school geography as a factor for promoting citizenship. Part of the budget that this discipline contributes to individual and collective awareness of social rights and duties. This study aimed to analyze the figure of “Rosie, the Riveter” inserted in a high school geography textbook, used in a public school in Campo Grande, MS, based on the semiotics of Charles Sanders Peirce. Thus, we sought to unravel the current and historical message of the figure by inserting it in the historical context in which it was produced. Likewise, the analysis took into account its insertion in the textbook in view of the objectives of the author of the book and considering that each interpretant has a particular view of the world and establishes his or her own relationship with the image. Considered as documentary research, the analysis was carried out with the theoretical support of Peirce's triads. The research revealed the fecundity of Peirce's semiotics as a theory of analysis, the potential of a figure to influence decision-making and the richness that the analysis of an image can provide to the teaching activity.

Keywords: Sign. Language. Peirce's Triad.

1 Introdução

A presença da geografia na Educação Básica se justifica pelo seu potencial de conduzir o estudante a uma leitura crítica da realidade (LANDIM NETO; BARBOSA, 2010). Essa pode contribuir para uma tomada de consciência diante dos direitos e deveres sociais, apontando para a necessidade de se assumir responsável diante das desejadas mudanças sociais.

Para que tal objetivo seja alcançado, os autores citados destacam que a abordagem fragmentada e o tratamento puramente acadêmico afastam a geografia da realidade vivida pelo estudante. A abordagem deve fugir do caráter apenas informativo e ser tratada com a intenção formativa “da capacidade de raciocínio geográfico, de interpretação dos fenômenos socioespaciais”, produzindo reflexão sobre o que é vivenciado e o que se pode fazer (LANDIM NETO; BARBOSA, 2010, p.162).

O objeto de estudo da geografia, isto é, o espaço geográfico pode ser vista sob três perspectivas diferentes. Pode ser visto como o ambiente muito próximo do natural, que ainda não foi amplamente transformado pela ação humana. A outra perspectiva está relacionada com o uso da mecanização, portanto, o meio natural relacionado com a mecanização “criando uma lógica instrumental que desafia a dinâmica natural” ou ainda pode ser visto como “o meio técnico-científico-informacional, atual, distingue-se das etapas anteriores pelas profundas relações entre ciência e técnica, ou pela criação de uma tecnociência” (NOGUEIRA, 2009, p.110).

Essas diferentes perspectivas conduzem a diferentes abordagens educacionais, no entanto, busca-se através do seu estudo entender as redes que se estabelecem nesse universo de complexidade, em que fenômenos sociais, econômicos, culturais, políticos e naturais se entrelaçam. O estudante deve

ser levado a pensar a sua realidade e a do outro não mais como fragmento de um todo, mas como a própria totalidade, buscando “um saber geográfico relacional” (NOGUEIRA, 2009, p.112).

Manfio, Severo e Wollmann (2016) destacam que tendo em vista os objetivos da geografia escolar e seu ensino não pode ser um ato mecânico, resumir-se na informação e nem centrada em atividades propostas pelo professor visando preparar o estudante para a avaliação. Requer debate, reflexão e a construção competências sócio-político culturais.

É nessa perspectiva que este trabalho se propõe a analisar uma relação entre a geografia e o contexto social, a partir de um fato histórico retratado, indiretamente, em um livro didático. Recorre para isso a semiótica de Peirce para a análise de uma figura relacionada à desigualdade de gênero.

2 Desenvolvimento

2.1 Metodologia

A proposta foi analisar a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa documental. Por documento se entende toda produção social que reflete a ação humana. São produções que “podem revelar suas ideias, opiniões e formas de atuar e viver” (SILVA et al. 2009, p.4556). Consiste na interpretação de conteúdos de mensagens através da descrição e análise, com base em uma teoria, “do conteúdo manifesto”. Para esta análise foi escolhido como documento um livro didático de geografia.

2.2 Geografia

O termo Geografia é derivado da palavra grega GEOGRAPHIA e que, etimologicamente, falando se pode traduzir da seguinte forma: GEO (terra) e GRAPHIA (descrição). Esta aparente simplicidade terminológica é que se revela desafiadora. Descrever a Terra é mais do que relatar a existência do que é possível enxergar a olho nu; rios, montanhas, aglomerados urbanos. É entender a complexidade das relações entre diversos fatores, que coexistiram e coexistem, deram e continuam dando forma àquilo que é possível ver. Foi na antiga Grécia que surgiu a geografia, entre as polis e os mercadores que desejavam impor a talassocracia cujo poder reside no Estado e no domínio marítimo. Aliás, “[...] foram os gregos que batizaram os conhecimentos da superfície da terra como geografia” (SODRÉ, 1976, p.13). Aos gregos, portanto, se atribui a primeira grande obra de sistematização da geografia.

Após o declínio da Grécia e da ascensão dos Romanos, a geografia foi elevada a outra importância: tornou-se arma para a expansão do seu território, passando a servir ao Estado sob relatos descritivos e cartográficos do espaço territorial. Após a queda do Império Romano, a geografia permaneceu um longo tempo adormecida na história e voltou a ter destaque já no séc. XVIII e XIX. “Em solo Alemão a geografia ganhará a sua forma moderna: a da ciência. Quando deixa de ser uma

ciência alemã, já na virada do século XIX, encontrar-se-á com suas bases epistemológicas, teóricas e metodológicas prontas” (MOREIRA, 1994, p.22).

Na chamada fase imperialista do capitalismo, em que as maiores potências buscam as zonas de influência, a Geografia se mostra um saber produzido e manejado por estrategistas e oficiais a serviço dos Estados em busca de hegemonia econômica. “Após a derrota da França diante a Alemanha no conflito que ocorreu entre 1870 e 1871, o francês Paul Vidal de La Blache passa a fazer uma releitura crítica da geografia alemã buscando espelhar suas ideias conforme aspirações necessárias ao estado francês” (NANTES, 2010, p.119).

O atual discurso da geografia é o “produto dos embates que dominam as relações entre o imperialismo alemão e francês ao longo do século XIX, principalmente, em suas últimas décadas” (MOREIRA, 1994, p.14). É por isso que, quando se encontra nos livros de geografia conteúdos que tratam sobre questões como, clima, relevo, hidrografia, vegetação se está estudando o pensamento da escola alemã, preocupada muito mais com a parte física, tendo em vista a sua busca pela expansão territorial. No entanto, quando são encontradas questões que têm o homem como foco principal, em que a natureza passa a ser apenas condicionante das ações humanas e, suas transformações ocorrem em função de sua ação, se está estudando o pensamento da escola francesa. A geografia é uma amálgama destes dois modelos de pensamento.

É essa geografia enigmática que se apresenta nos livros didáticos que é o foco deste estudo, o qual será analisado sob a perspectiva da semiótica de Peirce, a partir de um recorte para analisar a mensagem transmitida por uma figura do livro didático de Geografia trabalhado no 2º Ano do Ensino Médio de Adão e Furquim Jr (2016).

2.3 Semiótica, Linguagem e Signo

Partindo de um pressuposto mais amplo e sem categorizá-la de uma forma aprofundada e específica se pode dizer que a semiótica é a sustentação teórica de abordagens que tratam dos signos, códigos, sinais e linguagem. Essa permite analisar as dimensões e manifestações destes conceitos a partir dos sistemas perceptivos. Além disso, “a semiótica estuda os processos de comunicação, pois não há mensagem sem signos e não há comunicação sem mensagem” (SANTAELLA, 2004, p.59).

Na semiótica, passado, presente e futuro são ações instintivas que se entrelaçam, simultaneamente, de forma a estabelecer um encadeamento cognitivo. Para Silveira (1983, p.160):

A semiótica procura estabelecer diagramaticamente, isto é, por via de construções relacionais abstrativas, como a inteligência se refere às determinações do passado, procedendo no presente a fim de determinar para o futuro a conduta diante da classe de fenômenos que incluem, de um determinado modo, os fatos experimentados no passado.

O signo serve como ponto de partida para análise de como

um objeto pode ser investigado e qual linguagem esse usa para se comunicar com a quem o interpreta. A semiótica estuda os signos e, a linguagem a utiliza como meio de comunicação.

2.4 Pierce e o Signo em relação ao objeto

Segundo Peirce (2005), signo é aquilo que sob certo modo representa algo para alguém. Isto é, cria na mente dessa pessoa um signo equivalente, mais desenvolvido. Em outras palavras, é algo que está representado de um lado por um determinado objeto, e do outro é a interpretação dada a este objeto por quem o vê. Esta análise feita pelo indivíduo é sustentada, conforme sua leitura de mundo resultante das suas experiências sociais. Para Santaella (1998, p. 33): “Peirce leva a noção de signo tão longe a ponto de que um signo não tenha necessariamente de ser uma representação mental, mas pode ser uma ação ou experiência, ou mesmo uma mera qualidade de impressão”. Ainda, conforme esta autora, há várias definições de signo nos textos de Peirce, algumas mais sucintas, outras mais detalhadas. Para Santaella (2005, p.35):

o signo é uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele. Ora, o signo não é o objeto. Ele apenas está no lugar do objeto. Portanto, ele só pode representar esse objeto de um certo modo e numa certa capacidade.

Conforme Melo, D. e Melo, V. (2015, p.17):

o signo possui uma particularidade essencial: estar ali, presente, para designar ou significar outra coisa, ausente, concreta ou abstrata.

Tudo pode ser signo, mas para isso é necessário que o objeto remeta o interpretante a outra coisa que não a ele mesmo. Deve provocar no outro uma significação sendo esse apenas um ponto de partida e não o seu fim. Pode-se dizer que os signos servem como um mediador entre os envolvidos e, são esses, também, que possibilitam identificar qual a linguagem será utilizada na comunicação entre as partes. Conforme as conceituações de semiótica, linguagem e signo se apresenta a forma como Peirce utiliza este conjunto para realizar suas análises.

Charles Sanders Peirce nasceu no ano de 1939 em Massachusetts, Estados Unidos da América, e faleceu com 74 anos. Graduou-se em química, mas sempre demonstrou interesse em várias áreas como a Filosofia, a Matemática e Ciências (GOIS; GIORDAN, 2007). Pierce é tido como fundador da semiótica americana. Exerceu grande influência sobre a formulação teórica do pragmatismo e da lógica clássica. Efetou ótimos trabalhos sobre a lógica dos relativos, a teoria dos signos, probabilidade, indução e lógica matemática (PIRES, 2008).

Apesar de o pensamento de Peirce seguir uma lógica, que será abordada a seguir, as dificuldades com o método afetam muito mais intensamente os que pretendem trabalhar com a semiótica de extração peirceana do que aqueles que seguem outras correntes da semiótica, especialmente, aquelas

derivadas do estruturalismo (SANTAELLA, 2005). É por meio da semiótica de Peirce que virá à luz a presente análise.

Os signos que têm capacidade de alcance para evidenciar alguma semelhança com o seu objeto, semelhança visual ou de propriedades, são intitulados de ícones (SANTAELLA, 2005), por exemplo, quando um turista fotografa algo está, na verdade, materializando um ícone.

Porém um ícone, por si só, não aponta onde você está. É necessário oferecer parâmetros para que, no caso este ícone, seja identificado mais facilmente para quem o vê. Quando isso ocorre se está apresentando o índice. Este segundo elemento na tríade é relacionado com a secundidade, chamado índice, sendo composto pelas associações. Esse aponta para fora do signo, como exemplo podem ser citados os pares: elefante aponta para o zoológico, pinguim aponta para o frio, chuva forte aponta para o alagamento, etc.

Os símbolos representam uma terceira categoria. Peirce explica que:

Um símbolo é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente, uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o símbolo seja interpretado como se referindo aquele objeto. Assim, é, em si mesmo, uma lei ou tipo geral, ou seja, um legi-signo (PEIRCE, 2005, p.52).

Diferente do índice que resulta de uma associação espontânea, o símbolo é constituído a partir de uma convenção.

O interpretante é o terceiro elemento da tríade. Antes de tudo, é preciso considerar que interpretante não quer dizer intérprete. É algo mais amplo, mais geral. O intérprete tem um lugar no processo interpretativo, mas este processo está aquém e vai além do intérprete (SANTAELLA, 2005).

Tendo firmado a tricotomia proposta por Peirce se apresenta, a seguir, o método utilizado para realização desta pesquisa, bem como o posicionamento diante do que está sendo proposto para este estudo: analisar a representação de uma imagem contida no livro didático de Geografia sob a perspectiva de Peirce.

2.5 Uma figura no Livro Didático de Geografia

O livro didático se constitui como uma ferramenta muito importante dentro do ambiente escolar. Historicamente, o livro didático foi idealizado a partir da obra *Didática Magna* (1621-1657) de João Amós Comênio (1592-1670) e carrega, ainda, uma importante função: ser um instrumento de auxílio pedagógico do professor. De acordo com Munakata (2001), o livro didático era parte constitutiva, indispensável, da escola moderna desde seu nascedouro. Por sinal, Comenius é, ele mesmo, autor de um livro didático: *Orbis Sensualium Pictus* (O mundo sensível em imagens) de 1658.

Por mais que uma figura não tenha conseguido transmitir ao leitor a sua mensagem de forma direta e imediata, ou seja, o seu signo, não quer dizer que seja isenta de sentidos. Para fortalecer este entendimento se pode dizer que:

Como produto de uma sociedade, o documento manifesta

o jogo de força dos que detêm o poder. Não são, portanto, produções isentas, ingênuas; traduzem leituras e modos de interpretação do vivido por um determinado grupo de pessoas em um dado tempo e espaço (SILVA et al., 2009, p. 4556).

O livro no qual se encontra o objeto de análise foi adotado por escolas estaduais de Campo Grande, MS, e pertence à coleção “Geografia em Rede”. Esse fez parte do processo de livros ofertados para as escolas, em 2017, pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) para vigência 2018-2020. Foi publicado, em 2016, está em sua 2ª edição e é utilizado no 2º Ano do Ensino Médio. Seus autores são: Edilson Adão e Laercio Furquim Junior.

A Figura (Figura 1) estudada está no Capítulo 7 – “O espaço do cidadão, tópico 5 - Desigualdade de gênero” na página 143 (ADÃO; FURQUIM JR, 2016). Esse capítulo busca retratar um pouco sobre as desigualdades existentes no país. População Economicamente Ativa (PEA), Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), mortalidade infantil, acesso à educação, desigualdade social e a desigualdade de gênero são assuntos deste capítulo que busca apontar por meio de vários indicadores, a organização socioeconômica dentro do espaço geográfico (ADÃO; FURQUIM JR, 2016). É na última abordagem textual, desigualdade de gênero, que se encontra a figura da imagem objeto de investigação.

Figura 1- Rosie, a Rebitadeira



Fonte: Adão e Furquim (2016).

O uso das figuras nos livros didáticos é considerado um processo de construção de sentidos, em que entram em jogo a intencionalidade do autor, a materialidade do texto e as possibilidades de ressignificação do leitor (MARTINS; GOUVEIA; PICCININI, 2005).

Nem tudo o que se vê realmente é. As figuras não são meros traços delineados de formas simétricas ou assimétricas. Essas têm intuito de transmitir uma mensagem, mesmo que isso passe despercebido. A inserção da imagem, no livro didático, não foge à regra, essa não é aleatória. Essa serve para

reforçar o propósito de quem transmite a mensagem. Busca-se posicionar como um legi-signo (símbolo). Na medida em que a imagem passa a ser compreendida como signo que incorpora diversos códigos, sua leitura requer o conhecimento e a compreensão desses códigos (SARDELICH, 2006). Ainda, segundo Sardelich, no contexto escolar, essa prática era atribuída, geralmente, a professores de arte, porém não chegou a ser hegemônica entre esses.

A Figura 1 pertence ao modelo de escola francesa e trata-se de um trabalho produzido por J. Howard Miller em 1942 (SILVA; TASSO, 2014). Segundo esta escola, o espaço está no contexto e, esse só existe em função da interferência do homem, ou seja, sua ação independe do meio em que vive. Aliás, este tipo de abordagem da escola francesa, nos livros didáticos de geografia, vem ganhando cada vez mais destaques nessa ciência, porque as transformações que o homem ocasiona, diretamente em seu espaço, são muito mais dinâmicas e constantes em curto espaço cronológico do que na natureza.

Uma montanha demora milhões de anos para ir se modelando, sendo exposta apenas aos fatores de intemperismo interno e externo. Segundo Branco (2014), recebe o nome de intemperismo ou meteorização ao conjunto de alterações físicas (desagregação) e químicas (decomposição) que as rochas sofrem, quando ficam expostas na superfície da Terra). Já sobre a ação humana, a mesma montanha pode ser modelada, conforme sua necessidade em dias, meses e quando muito em alguns anos. A razão de ser da geografia seria então, a de melhor compreender o mundo para transformá-lo, a de pensar o espaço, para lutar de forma mais eficaz (LACOSTE, 1988).

Neste estudo, a figura foi analisada a partir da tricotomia de Pierce, na qual o signo está em relação ao objeto em seus três níveis: ícone, índice e símbolo.

Quando se olha para a Figura 1, o que tende vir à cabeça de imediato? Provavelmente, a primeira resposta seja de que se trata de uma mulher. De fato, o é. Aqui está representado o ícone, a figura conforme essa se apresenta sem qualquer indagação. É o primeiro contato que o signo se apresenta a quem olha.

A seguir, começam as descrições e os questionamentos contidos na figura. Tem-se uma mulher com lenço vermelho e círculos brancos envolvendo a cabeça, um fundo amarelo, uma roupa azul, a frase exclamativa “We Can Do It!”. A tradução para a Língua Portuguesa significa “Nós podemos fazer isso!”. Está escrita em branco com letras grandes e um fundo preto. Trata-se primeiramente das descrições. Agora, iniciam os questionamentos: por que a roupa que ela usa se parece com um uniforme militar? Por que ela está apresentando os bíceps como quem quer dizer que possui força? Porque ela exclama que “Nós podemos fazer isso”? Este conjunto de descrição e de questionamentos são os chamados índices. Trazem os indicativos dos objetivos da figura ter sido produzida.

Apesar da simplicidade de leitura desta imagem, sua

contextualização se apresenta em um momento difícil da história humana. Na década de 1940, durante a 2ª Guerra Mundial, os homens norte-americanos foram convocados para se apresentarem às forças armadas para seguirem para os campos de batalha. Muitos destes homens deixaram seus postos de trabalho e, com isso, houve uma diminuição nos meios de produção.

Para suprir esta falta de mão de obra e, dar continuidade ao abastecimento, tanto do mercado interno quanto fornecer o que fosse necessário para manter seu exército na guerra, o governo dos Estados Unidos passou a incentivar as mulheres, que até então se destinavam, em sua maioria, ao cuidado da casa e dos filhos, a contribuírem com seu país e ocuparem os postos de trabalhos das fábricas deixado pelos homens. Com isso, em 1942, o artista J. Howard Miller criou este cartaz idealizando ser uma propaganda de guerra dos Estados Unidos com o objetivo de incentivar as mulheres americanas trabalhadoras da fábrica durante este conflito. A imagem foi utilizada durante um curto período (SILVA; TASSO, 2014).

Comumente atribui-se às mulheres grande parte do suprimento dessa mão de obra, fazendo-as sair de casa, ir para as fábricas e tornar-se chefes de família enquanto seu marido, pai ou filho ia para o front. De fato, certos espaços e liberdade que antes não desfrutavam, foi conquistado (RODRIGUES, 2013, p.4).

Ao findar a guerra e, conseqüentemente, o retorno dos homens, muitas mulheres se recusaram a deixar seus postos de trabalho, pois perceberam, no trabalho remunerado, uma oportunidade de se tornarem independentes, principalmente, em relação à questão financeira.

Até aqui se pode observar que por trás de uma simples figura há uma carga histórica muito grande. A imagem foi criada para atender o mercado corporativo e não para ser símbolo do empoderamento feminino. No entanto:

[...] com a propagação dos ideais feministas nos EUA da década de 1980, a divulgação da imagem se converteu em símbolo do feminismo. Com isso, iniciou-se a desconstrução da ideia de 'sexo frágil' associada ao gênero feminino, o que permitiu uma maior independência socioeconômica da mulher, sendo este um pilar essencial para a igualdade entre os gêneros (GRACIA; MACIEL; LEME, 2016, p.1).

Outros apontamentos podem ser feitos sobre esta figura, como por exemplo, a verdadeira mulher que representou Rosie. A discussão sobre esta questão se transformou até em pesquisa, pois três mulheres foram apontadas como sendo a inspiração para criação da figura. Como frisado, atrás destas simples imagens há um histórico contextual que, muitas vezes, passa despercebido, inclusive, antes de fazer a leitura deste artigo, provavelmente, o leitor via apenas o signo, o ícone.

3 Conclusão

Diante esta análise, conclui-se que o olhar não pode passar, de forma ingênua, por um signo, seja esse no campo verbal ou não. Quando se depara com alguma imagem, seja essa na rua, nos livros ou em qualquer outro lugar e se deve,

primeiramente, considerá-la como um portal histórico que, inclusive, muitas vezes, as pessoas estavam incluídas e nem sabiam. Portanto, é necessário indagar os índices.

É fato que um olhar despercebido pode fazer com que o indivíduo seja persuadido e o leve por caminhos que, possivelmente, não trilharia se tivesse uma visão do todo. Peirce procurou demonstrar que o horizonte pode ser muito mais amplo do que aquele que visualizamos.

Cada interpretante possui uma visão de mundo particular e estabelece uma relação única com os signos. Mesmo aquilo que é explícito, cada um se apropria de uma maneira diferente. Para alguns a resistência, para outros acolhimentos, acrescentar ao seu olhar uma criticidade pode trazer-lhe uma significação de mundo muito maior. A análise realizada nesta pesquisa demonstra como a semiótica peirceana pode contribuir, uma vez que revelou o potencial de uma figura para influenciar tomadas de decisões e a riqueza de análise que uma imagem pode proporcionar.

Referências

- ADAO, E.; FURQUIM JR, L. Geografia em Rede. São Paulo: FTD, 2016.
- BRANCO, P.M. O intemperismo e a erosão. 2014. Disponível em: <https://acervocmsp.educacao.sp.gov.br/2557/29771.pptx>. Acesso em: 31 jan. 2023.
- GARCIA, A.; MACIEL, I.; LEME, M.I.S. We can do it: a imagem, inspirada na modelo e operária Geraldine Hoff Doyle, tornou-se símbolo da mulher trabalhadora. 2016. Disponível em: <https://sites.usp.br/psicousp/can/> - Acesso em: 2 abr. 2022.
- GOIS, J.; GIORDAN, M. Semiótica na Química: a teoria dos signos de Peirce para compreender a representação. Cad. Temáticos Quím. Nova Esc., n. 7, 2007.
- LACOSTE, Y. A Geografia serve antes de mais nada para fazer a guerra. São Paulo: Papirus, 1988.
- LANDIM NETO, F.O.; BARBOSA, M.E.S. Geosaberes, v.1, n.2, p.159-179, 2010.
- MANFIO, V.; SEVERO, M.D.; WOLLMANN, C.A. Educação e geografia escolar: os dilemas, desafios e o papel do professor na construção do conhecimento. Rev. Perspect. Geogr., v.11, n.14, p.63-73, 2016.
- MARTINS, I.; GOUVEA, G.; PICCININI, C. Aprendendo com imagens. Ciência e Cultura, v.57, n.4, p.38-40, 2005.
- MELO, D.; MELO, V. Uma introdução à semiótica Peirceana. Paraná: UNICENTRO, 2015.
- MOREIRA, R. O que é geografia. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MUNAKATA, K. Educação e modernidade: sob as figuras do relógio e da tipografia. Educar Rev., n. 8, p.43-52. 2001. doi: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.233>.
- NANTES, A.O. O pensamento da escola alemã e francesa nos livros didáticos de geografia regional do Mato Grosso do Sul (1991-2005). In: JORNADA DE EDUCAÇÃO DO MATO GROSSO DO SUL – GT4, 2010.
- PEIRCE, C.S. Semiótica. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- PIRES, J.B. Vida e obra de Charles Sanders Peirce e as bases

para o estudo da linguagem fotográfica. *Disc. Fotogr.*, v.4, n.4, p.145-160, 2008. doi: <https://doi.org/10.5433/1984-7939.2008v4n4p145>.

RODRIGUES, P.B. Rosie, the Riveter volta ao lar: o papel social da mulher estadunidense no pós-Segunda Guerra Mundial através das publicidades em revistas de grande circulação (1944-1945). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTORIA, 6., 2013. Disponível em: http://www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/104_trabalho.pdf. Acesso em: 1 jun. 2022.

SANTAELLA, L. A teoria geral dos signos: semiótica e autogeração. São Paulo: Ática, 1995.

SARDELICH, M.E. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. *Cad. Pesq.*, v.36, n.128, p.451-472, 2006. doi: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742006000200009>.

SILVA, É.D.; TASSO, I.E.V.S. O processo tradutório na campanha “Rosie the Riveter”: a questão da visibilidade do sujeito com deficiência. *Cad. Trad.*, v.1, n.33, p.169-187, 2014. doi: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2014v1n33p169>.

SILVA, L.R.C. et al. Pesquisa Documental: alternativa investigativa na formação docente. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO- EDUCERe. 2009. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/cd2009/pdf/3124_1712.pdf. Acesso em : 26 set. 2022.

SILVEIRA, L.F.B. Semiótica Peirceana e produção poética. *Trans/Form/Ação*, v.6. p.13-23, 1983.

SODRÉ, N.W. Introdução à geografia: Geografia e ideologia. Rio de Janeiro: Vozes, 1976.